

O PSÍQUICO FEMININO: PENSANDO O SOFRIMENTO PSÍQUICO DESDE A INFÂNCIA ATÉ A VIDA ADULTA DA MULHER CABOVERDIANA E SUA ESTRATÉGIA DE CURA PELA CUMPLICIDADE E PERTENCIMENTO

THE FEMALE PSYCHIC: THINKING ABOUT PSYCHIC SUFFERING FROM CHILDHOOD TO ADULTHOOD OF CAPE VERDEAN WOMEN AND THEIR HEALING STRATEGY THROUGH COMPLICITY AND BELONGING

Katria Gabrieli Fagundes Galassi¹

RESUMO

A escritora caboverdiana Dina Salústio dedica sua escrita às mulheres, “em grande parte as protagonistas, quer pelo peso dos papéis que elas desempenham na sociedade, nomeadamente na composição e no suporte da estrutura familiar moderna, quer porque, normalmente, elas constituíram o veículo que conduziu as notícias” (SALÚSTIO, 2018, p. 9). Seu olhar atento e a maneira como ela traz as histórias até nós, leitores, desencadeia um universo de percepções que permite que reflitamos sobre esses corpos femininos por meio do relato dos seus dias, suas dores e suas memórias. Procuramos traçar um breve panorama das vidas narradas nos livros *Mornas eram as noites* (1994), *Filhos de Deus* (2018) e *Uma menina de cristal* (2023), desde a infância até a fase adulta, tentando abordar o sofrimento psíquico que são desencadeados no percurso dessas trajetórias, bem como a maneira que elas encontram para curar-se, através da cumplicidade e do apoio dos seus pares – amigas, vizinhas, familiares.

Palavras-chave: o corpo feminino na literatura caboverdiana; memória; sofrimento psíquico; pertencimento; cumplicidade.

ABSTRACT

Cape Verdean writer Dina Salústio dedicates her writing to women, “largely the protagonists, either because of the weight of the roles they play in society, namely in the composition and support of the modern family structure, or because, normally, they constituted the vehicle that led the news” (SALÚSTIO, 2018, p.9). Her attentive look and the way she brings the stories to us, readers, triggers a universe of perceptions that allows us to reflect on these female bodies through the account of their days, their pain and their memories. We seek to draw a brief overview of the lives narrated in the books *Mornas eram as noites* (1994), *Filhos de Deus* (2018) and *Uma menina de cristal* (2023), from childhood to adulthood, trying to address the psychological suffering that

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas na UFRJ. Mestra em Estudos de Linguagens e Literatura Comparada pela UFMS. Graduada em Letras Português/Espanhol pela UFMS. Membro do Grupo de Pesquisa Escritas do Corpo Feminino UFRJ. Membro da Afrolic. E-mail: katria.f.galassi@gmail.com

is triggered in the path of these trajectories, as well as the way they find to heal themselves, through the complicity and support of their peers – friends, neighbors, family.

Keywords: the female body in Cape Verdean literature; memory; psychological suffering; belonging; complicity.

Infâncias “amachucadas”

A escritora cabo-verdiana Dina Salústio reforça, a cada escrita sua, seu olhar terno e atencioso às realidades das mulheres em todas as idades. Em seu mais novo lançamento, *Uma menina de Cristal e outras crônicas*, Salústio salienta a situação feminina em textos precisos e audaciosos, nos quais denuncia a constante agressão ao corpo tão recorrentemente machucado das meninas e das mulheres. Com uma coragem que poucas escritoras costumam expor, Salústio escancara raízes do sofrimento psíquico que essas meninas guardam dentro de si, que as obriga a se tornarem, precocemente, um apoio imprescindível para suas mães – estas, meninas-maiores – na criação de irmãos, sobrinhos e de uma extensa parcela da comunidade em que vivem. A violência contra essas memórias permanece sem a atenção necessária por parte da sociedade, pois não é suficiente haver a denúncia nos meios literários se as políticas públicas não fizerem nada a respeito. Onde nem mesmo a mulher adulta consegue exercer seu direito de fala, a criança, menos ainda, encontra chance de ter seus sentimentos e medos reconhecidos. A infância, que seria “o período no qual a sociedade como um todo e pais e mães em particular têm por missão apresentar o mundo paulatinamente à criança, identificando e respeitando seus limites físicos e psíquicos” (IACONELLI, 2023, p.29), não é exatamente respeitada, de acordo com o que retrata a narradora de Salústio em seus textos. Pelo contrário, em grande parte da sociedade cabo-verdiana – que é a sociedade de denúncia de Dina Salústio, mas que, sem dúvida alguma, também reflete outras sociedades pelo globo –, as infâncias são silenciadas, violentadas e esquecidas. Pretende-se neste artigo trazer uma breve análise sobre adoecimento na infância e na vida adulta da mulher, bem como estratégias de cura, por meio de alguns textos salustianos que encontramos nas obras *Uma menina de cristal*, *Mornas Eram as Noites*

e *Filhos de Deus*, também em entrevistas e reportagens, utilizando-nos de teorias que contemplem sofrimento psíquico, sororidade, pertencimento e coletividade trazidas por bell hooks, Vera Iaconelli, Paula Roschel, Freud entre outros teóricos.

Dina Salústio tem uma maneira muito única de tratar as infâncias perdidas. O olhar dela está sempre voltado às meninas e aos precoces dissabores que elas enfrentam. Em todas as suas obras, por maior que seja o número de temas que ela aborda, lê-se e sente-se em suas palavras a demora e o pesar pelas vidas dessas meninas. A inocência das jovens que precisam acudir suas famílias, suas mães e seus irmãos e desacudir-se a si mesmas, desabrigando suas dores. É nelas que Salústio pensa quando vai palestrar no dia da mulher cabo-verdiana, o 27 de março, dia do seu próprio aniversário. É nelas que ela pensa quando perguntada sobre políticas públicas. É nelas que ela pensa quando pedem para homenagear alguma “grande mulher”. Ela sabe, ela vê, ela ouve e presencia essas meninas sendo machucadas, relegadas ao descaso, obrigadas a deixar para trás uma infância que mal conheceram. As narradoras de Dina temem pela incerteza de seus futuros, pois não sabem que fim podem levar, apenas suspeitam qual seria:

Falo das meninas, das irmãs mais velhas. Lembro as estatísticas, sempre inacabadas, que dão conta de famílias marcadas por uma chefia feminina, normalmente frágil, cuja funcionalidade só foi e é possível com o contributo enorme, muitas vezes cruel, dessas crianças, à pressa, mulheres. (SALÚSTIO, 2023, p. 18)

Todo o peso de estruturar um lar divide-se entre as mães precoces e suas meninas, filhas mais velhas de relacionamentos incertos, talvez até mesmo escondidos e insuspeitos. São meninas com liberdades adiadas, que podem até ter vislumbrado algum tipo de futuro diferente para si, que muitas vezes não desejariam ter de exercer o papel materno; que gostariam de sair do seu país ou do seu próprio corpo, que desejam romper com seus destinos, por mais amaldiçoados que sejam. As meninas, empurradas de súbito à vida adulta, provavelmente gostariam de partir de si mesmas, atirar-se do barranco, pois acreditam ou sentem que não teriam nada a perder, já que nunca tiveram nada que fosse apenas delas por vontade própria. Nunca lhes foi permitido ou

proporcionado nada além das responsabilidades repetidas e rotineiras. Suas dores se silenciam em suas vozes.

Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças. Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava! (SALÚSTIO, 2019, p. 9)

A imagem dessa mulher de liberdade adiada, imiscuída à lama, à água, às coisas que escorrem, causa em nós, leitores, a sensação de um curso de vida que se pretendia fluir e que, entretanto, estanca-se, bruta e bruta, ao chão. É um desejar-se ir e ter que ficar, inevitavelmente. É estar obrigada a ver seu ventre crescer e *descrescer* em água e vida com mais frequência do que consegue pensar no seu amanhã. As inacabadas estatísticas parecem fazer questão de reforçar o lugar dessas meninas que, se pudéssemos descrevê-las visualmente, seriam como os pilares minguados, frágeis, fincados em terra seca – que por mais que seja uma textura diferente daquela lama onde desejariam escorrer, transmite a mesma sensação de estancamento e imobilidade – segurando suas pequenas casas com seus filhos ou irmãozinhos dentro, enquanto suas mais velhas se alongam pela estrada do sustento e da sobrevivência. Elas são os *desfuturos* que cuidam e que darão os frutos futuros dessas ilhas sedentas. Elas são a naturalização da desumanidade:

Vejo essas garotas impedidas de estudar, em tempo certo, ocupadas em criar os irmãos, enquanto olham as mães saindo para lhes buscar o sustento, entregues, elas também crianças, a perigos e ameaças que muitas vezes, demasiadas vezes se cumpriam. E se cumprem. (SALÚSTIO, 2023, p. 19)

A narradora de Dina Salústio retrata um passado que está mais presente que nunca; mesmo em um mundo onde já existe controle de natalidade, estrutura para alimentar a todos e prover emprego honesto para um sustento básico, a realidade não está para todos – e podemos ver que está menos ainda para as mulheres de qualquer idade. As dez ilhas do arquipélago cabo-verdiano, com todas as suas limitações de mobilidade, acesso, escassez de chuva constantemente reforçam, para essas meninas,

suas impossibilidades, as inegáveis certezas de que suas expectativas de boas vidas estão longe de serem correspondidas. O que provavelmente as espera é a dureza dos dias sem risos, sem brincadeiras de crianças, sem leveza, pois elas deverão ser, inquestionavelmente, a fortaleza de suas mães, irmãos e comunidade, por extensão. Serão os sacrifícios para que seus irmãos, quando muito, possam ir à escola. Mesmo com alguns anos de distância entre a fala de Simone Caputo Gomes (2008) e o momento da escrita deste texto, as estatísticas ainda persistem:

É elevado o número de donas-de-casa, assim como altíssima a taxa de analfabetismo na faixa de mulheres com idade superior a 25 anos (entre 80 e 90%, na década de 1980). A maternidade precoce, a alta taxa de aborto clandestino, o alcoolismo e a prostituição, aliados ao analfabetismo, são entraves significativos à emancipação feminina neste contexto. (GOMES, 2008, p. 163)

Essas mães também foram as meninas-fortaleza de suas casas. Essas meninas, as mais velhas entre os irmãos, recebem, ao nascer, o fardo de *desfuturadas*, ou seja, meninas cujos futuros virão, mas que não pertencerão a elas nas escolhas e decisões. As ilhas as fazem nascer, mas não lhes dão muitas opções de destinos. Gomes (2008) reforça, ainda, essa informação sobre o papel crucial das mulheres na sociedade cabo-verdiana:

A importância das mulheres na sociedade crioula como transmissoras de cultura é o primeiro ponto que devemos examinar. São elas que se ocupam da educação das crianças na época da aquisição da linguagem e da Língua: através delas se dá a transmissão de uma série de práticas e comportamentos: as tradições da comunidade, os costumes, a religião, as crenças, a culinária, a música etc. (GOMES, 2008, p. 161)

A aparente fragilidade dessas meninas é a fortaleza incontestável de suas famílias. Sua pequenez impulsiona – injustamente – a grande e infundável tarefa de cuidar das próximas gerações, mesmo precisando escantear a si mesma. São meninas marcadas “pela fragilidade que as rodeia e pela força que conseguem” (SALÚSTIO, 2023, p. 18).

O colapso do modelo ideal de maternidade herdado do século XVIII e recrudescido no início do século XX é perceptível. Seu fracasso se faz notar no adoecimento das mulheres, na corrosão da conjugalidade com a chegada dos filhos, na precarização dos cuidados com as infâncias e

na perda do direito à descendência em populações mais pobres. (IACONELLI, 2023, p. 29)

A psicanalista Vera Iaconelli (2023) traz, em dados atuais, um panorama da maternidade ocidental que podemos, em certa medida, adaptar às realidades dos países de colonização europeia, cuja doutrinação implantou forçosamente um ideal de maternidade único. O fracasso desse ideal, que nos casos de denúncia da narrativa salustiana, nunca chega a ser pensado por essa sociedade. A maternidade simplesmente fracassa. A maternidade simplesmente adocece. A maternidade simplesmente maltrata. Ela acontece – grande parte das vezes – sem nenhum desejo.

Dina Salústio vez ou outra é questionada, por leitores e estudiosos, sobre o porquê de não falar do amor, levando a crer que eles acreditam que ela não fala do amor (SALÚSTIO, 2023, p. 30). Para se defender dessa observação, ela rebate dizendo que fala, sim, “de” amor e “do” amor, o que é observado por seus leitores atentos e sensíveis às suas inúmeras entrelinhas. Sabemos que ela não tem seu principal foco em amores tórridos e ardentes como costumamos associar quando falamos a palavra “amor”, tal como afirma Lacan, “[...], que provoca [...] uma espécie de anulação, de perturbação da função do ideal do eu” (LACAN, 2009, p. 188). Entretanto, a maneira como ela exalta as vidas e os destinos das meninas de Cabo Verde, com olhos ternos convida todos nós a fazermos o mesmo. A Dina já viu futuros – já viu essas meninas que estiveram descuidadas na infância seguirem descuidadas na fase adulta. A reprodução de padrões que ela tanto denuncia continua a assombrar. E quando digo padrões não quero aqui validar qualquer tipo de aceitação que a palavra “padrão” traz, mas afirmar – ou reforçar – que são constantemente repetidos. As mulheres – muitas vezes meninas ainda – engravidam, trabalham pelo sustento da casa, são deixadas ou realmente nunca assumidas pelos pais dos seus filhos e ficam com toda a manutenção do lar. Dina tratou dessa questão quando me cedeu uma entrevista em abril de 2023:

Nós temos instrumentos legais que permitem que a gente tenha mais consciência do nosso valor. A gente antes, por exemplo, não tinha, sei lá, podíamos ter um filho e registramos sem pai. Estás a perceber? Com pai inexistente ou anônimo. Depois criaram as leis de que não há filhos incógnitos. Hoje temos consciência de que todos nossos filhos

têm direito a ter um pai que seja reconhecido pela lei. Isto já é um ganho, que nos dá mais tranquilidade, nos tira a vergonha em face aos nossos filhos. (SALÚSTIO, 2023)

Entretanto, apesar da lei de responsabilização de paternidade – que está em vigor em Cabo Verde desde 2013 ter reduzido bastante a alcunha dos “filhos sem pais”, ela não é o bastante para manter esses homens em casa. De acordo com o texto salustiano, seja por tradição densamente enraizada – que pela dureza climática traz escassez laboral e alimentar –, seja por não saberem lidar com as relações familiares a ponto de optarem partir a ficar, ou mesmo seja pela falta de consciência da importância em se ter responsabilidades e de se fazer figura de pai, esses homens partem rumo a novos futuros para si, sem pensarem a fundo nos desfuturos que eles ajudam a aumentar.

Vale a pena revisitar o texto de Dina Salústio – já citado anteriormente – *Liberdade Adiada, de Mornas Eram as Noites*, amplamente debatido, discutido e difundido, frequentemente mencionado por pesquisadores e estudiosos, pois a mulher ali representada retrata o sofrimento dessa mulher-mãe que desejaria destinos diferentes, que é capaz de imaginar uma vida sem os filhos ao olhar para o mar, que leva e traz destinos.

Aos vinte e três anos, disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que, ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente. (SALÚSTIO, 2019, p. 9)

Entretanto, há algo mais nessa mulher: uma responsabilidade intrínseca, como que registrada geneticamente em seu DNA, o que torna para ela realmente impensável não ser o suporte físico, financeiro e emocional desses filhos que gerou para o mundo. Não há a menor possibilidade desses filhos sem pais serem também filhos sem mãe. Essa menina-mulher já foi aquela menina-filha que, apesar da intensa carga de maturidade que recebeu e dos pequenos sonhos que deixou par trás, teve uma mãe que não a abandonou, mesmo com tantas intempéries que atravessou. Para essas infâncias machucadas, também bell hooks traz seu olhar sensível:

Todos os dias, milhares de crianças em nosso país (EUA) são abusadas verbal e fisicamente, passam fome, são torturadas e assassinadas. Elas

são as verdadeiras vítimas de um terrorismo íntimo, sem voz coletiva nem direitos. Elas permanecem propriedade de adultos que fazem delas o que querem. (hooks, 2021, p. 62)

bell hooks desnuda, também em seu país, a realidade de muitos corpos miúdos: o silenciamento das crianças, a voz inaudita delas que são consideradas pequenas propriedades privadas dos adultos guardiães. A infância, na verdade, deveria ser “o período no qual a sociedade como um todo e pais e mães em particular têm por missão apresentar o mundo paulatinamente à criança, identificando e respeitando seus limites físicos e psíquicos” (IACONELLI, 2023, p.29). Não significa que essas meninas-mães não tenham tido o respeito necessário durante o cuidado com as infâncias dos seus filhos, mas o que elas puderam fazer foi algo parecido com o que elas mesmas receberam em suas infâncias: ensinar o cuidado com o outro sem muito tempo de sistematizar o que seria necessário para seu próprio desenvolvimento, refazendo, “com outras crianças, as funções maternas e paternas porque são essas as referências essenciais de cuidar” (MORAES IN COMPARATO;MONTEIRO, 2001, p. 60). Esses corpos femininos vão, aos poucos, criando conexões e traçando caminhos com outras mulheres, cujos destinos se assemelham em alguma medida.

A afirmação “nós nos construímos juntas”, tão reforçada em diversos contextos e falas, faz parte de uma construção coletiva para reforçar que é necessário que saibamos – e tentemos – dividir nossas dores, nossas conquistas, nossos questionamentos, nossos sonhos e desafios. Ouve-se muito, em diversos círculos de convivência, mídias e redes sociais, que as mulheres não podem contar nem confiar umas nas outras – entretanto, acredito que repercutir essa afirmação apenas reforça o sentimento. Tal afirmação é vil, insensata e fortalece discursos misóginos nas sociedades predominantemente machistas que, recorrentemente, procuram anular o desenvolvimento e a ascensão das mulheres em diversas áreas. Há, nas mulheres, uma força tão suprema e encantadora, que afirmações que reforçam a rivalidade feminina contribuem para que subestimemos nosso potencial e desacreditemos que somos capazes de nos curar. Acreditar e poder contar com redes de apoio faz parte de nossa cura. Essa confraria de apoio entre

mulheres, feita por e para mulheres, pode ser chamada de sororidade, como descrita pelas pesquisadoras Susana Gamba² e Tania Diz:

Se assemeja al AFFIDAMENTO³ (v.) al propiciar la confianza y apoyo entre las mujeres. Es una dimensión ética, política y práctica del feminismo contemporáneo. Se trata de una experiencia subjetiva de las mujeres que conduce a la búsqueda de relaciones positivas y a la alianza existencial y política cuerpo a cuerpo, subjetividad a subjetividad, con otras mujeres, para contribuir a la eliminación social de todas las formas de opresión y al apoyo mutuo para lograr el poderio genérico de todas y el *empoderamiento* vital de cada mujer. (DIZ-GAMBA, 2021, p. 521)⁴.

O trecho acima, selecionado dentro de uma ampla definição que as autoras trazem, alvoroça sentimentos de irmandade que estão contidos, muitas vezes, em alguma pequena dimensão dentro das mulheres. Falar de empoderamento vital das mulheres, de cada mulher, permite que se reflita que, sem isso, não é possível para a mulher viver em sua plenitude. A autoconfiança vai se definindo a cada vez que a mulher é desvalorizada e suas ideias e vontades minimizadas; ou a cada sonho desfeito; ou a cada gestação indesejada. Sem se sentir em poder de suas ações, de seus destinos, o adoecimento feminino surge, sorrateiramente, e vai se instaurando. E então, ainda remetendo à definição de sororidade das autoras, podemos pensar que a conexão corpo a corpo, alma a alma, entre as mulheres, pode ajudar na reestruturação do eu interior. *Affidar-se* – para abrigar o termo italiano de múltiplas camadas – em outras mulheres equivalerá à comunhão dos anseios, das dores e das forças para se reerguer e

² Essa referência surgiu a partir da menção feita por Paula Roschel em sua obra *Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher* (2020, p.16). A partir disso, busquei o termo diretamente na obra da comunicóloga Susana Gamba e da cientista social Tania Diz – Nuevo Diccionario de Estudios de Género y Feminismos (2021).

³ “Una característica del *affidamento* que nos lleva a una nueva figura perteneciente al feminismo de la diferencia es que a la mujer con la que se entra en este tipo de relación se le reconoce autoridad femenina y se deposita en ella la confianza (DIZ-GAMBA, 2021, p.36)”. Uma característica do *affidamento* (confiança, na língua italiana) que nos leva a uma nova figura pertencente ao feminismo da diferença é que se reconhece na mulher com quem se entra neste tipo de relação uma autoridade feminina e deposita-se nela confiança (tradução livre).

⁴ Assemelha-se ao *affidamento* (confiança, na língua italiana) ao proporcionar confiança e apoio entre as mulheres. É uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Trata-se de uma experiência subjetiva entre as mulheres que conduz à busca de relações positivas e à aliança existencial e política, corpo a corpo, subjetividade a subjetividade, com outras mulheres, para contribuir para a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para chegar ao poderio genérico de todas e ao empoderamento vital de cada mulher (tradução minha).

se manter firme. São tantas as camadas de reconstrução que um constante retorno às teorias – e em como colocá-las em prática – pode nos ajudar na internalização e reflexão dos conceitos, na expectativa que, aos poucos, estes adentrem nossos corpos femininos, transformando-se em ações efetivas das/para as mulheres. Apesar de sabermos da força que pode ser construída através desses relacionamentos entre mulheres, esse estreitamento de laços não é espontâneo nem natural.

As rugas incutidas em nossas mentes acerca desse relacionamento, há tantos e tantos anos, impedem que esse convívio feminino seja simples, aberto e natural na sua integridade. Paula Roschel (2020), autora do livro *Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher*, reforça em seu texto a ideia de que “não somos fracas, talvez apenas falemos pouco umas com as outras sobre nossas inseguranças, nossos medos (ROSCHEL, 2020, p. 11)”. E para pensar em como lidar com os receios, angústias, afastamentos entre mulheres, Roschel (2020) também afirma que:

Sororidade, no entanto, não é apenas o feminino de fraternidade. O substantivo se apropria de significados como solidariedade entre irmãs, harmonia e, sobretudo, aliança feminina, mas seu maior impacto está na luta contra a violência e injustiça relacionada ao gênero, sugerindo que através do apoio coletivo entre mulheres é possível lutar pelo direito de todas. [...] É o afeto e reconhecimento por meio da troca e da vivência (ROSCHEL, 2020, p. 15).

Sobretudo pelo afeto é possível trilhar um caminho de acolhimento. Pelo afeto, em se tratando de laços criados dentro das famílias por exemplo, realiza-se um tipo de sororidade genuína, ancestral e visceral. Entre mães e filhas, entre irmãs, entre tias e sobrinhas, entre avós e netas, entre amigas de infâncias – sejam elas quais tenham sido – os laços vão se costurando, as histórias vão sendo alinhavadas, o *affidamento* vai sendo construído. Reforçando essa ideia, pode-se dizer que é no lar, nas rodas de mulheres que sentem a mesma dor, que elas se permitem pensar sobre sua própria condição, sem muitas vezes saber como alterar o curso do seu destino, mas sem perder a sua fé. Entretanto, o caminho entre o *affidamento* e um genuíno compartilhamento de algo tão íntimo quanto suas dores com mulheres de outros círculos de convívio, há um longo caminho. bell hooks afirma que “o lar de uma pessoa era (é) o único lugar onde ela podia (pode) enfrentar livremente a questão da humanização, onde ela podia (pode)

resistir. As mulheres negras resistiram constituindo lares onde todos os negros pudessem se empenhar em ser sujeitos, não objetos” (HOOKS, 2019, p. 105). Nesta citação, retirada do livro *Anseios*, hooks trata da condição das pessoas negras nas relações com o mundo a sua volta e nos permite refletir sobre as semelhanças que existem no contexto das mulheres subalternizadas em diferentes realidades e sociedades. O lar é o lugar de segurança, o lugar onde os medos são dissipados, os anseios são escancarados e cuidados. O lugar onde a violência não deveria estar. É na volta ao lar, depois de um dia muitas vezes carregado de desavenças, de trabalho árduo, dores caladas que as mulheres conseguirão extravasar ou simplesmente deixar-se acolher pelos seus.

Dina Salústio traz a sororidade – ou *affidamento* ou mesmo a cumplicidade – familiar no conto *Eram todos finalistas*, quando relata os homéricos esforços de uma mãe, uma tia e uma vizinha para realizar o desejo de uma moça que tinha intenções de participar de um baile de finalistas do sétimo ano, onde acontece uma votação dos que estivessem melhor vestidos. A cumplicidade aqui acontece com a intenção de evitar um desgosto da menina, caso ela não possa vestir o vestido azul que tanto desejou desde a primeira vez que o viu na vitrine de uma boutique. Sabia-se que o valor era alto demais para os ganhos dessa família de mulheres, porém “não há preços-obstáculos aos sonhos sonhados”, afirma a narradora de Dina, esperançosa (2019, p. 70). As três mulheres – mãe, tia e vizinha – começaram traçar estratégias para conseguir realizar aquele desejo de moça, tão singelo perante outras demandas que a vida poderá trazer. Neste lar, onde se pretendia evitar a dor, a desilusão a todo custo: “[...] a mãe, a tia e uma vizinha em turnos de madrugadas a madrugadas estavam a lutar duramente para conseguir terminar o preço do vestido azul, o que de fato conseguiram” (SALÚSTIO, 2019, p. 71). A dedicação dessas mulheres para alcançarem aquele objetivo representa várias outras conquistas de outras mulheres e famílias para realizar o desejo de suas meninas. As mulheres, protagonizando e reforçando os laços entre si, nas mais diversas esferas, tarefas e objetivos que queiram alcançar; as mulheres, ensinando suas meninas a importância do afeto, da sororidade e do *affidamento* entre elas.

Não importa. Nem importaram as noites sem dormir, a tensão gerada, os dedos comidos pela agulha, a luta para que a malha da renda de três pessoas tão diferentes fosse absolutamente a mesma.

À entrada para a festa dos finalistas, os olhos da menina de azul respondiam risinhos a todas as perguntas do mundo, ao lado da mãe e da vizinha que fora substituir o pai. A tia não pôde entrar porque cada aluno apenas tinha o direito a dois convidados. Mas, na rua ela não mostrava tristeza, deixando-se estar a olhar para a sobrinha, sem coragem, uma e outra, de se afastarem da porta.

Alguém falou com o aluno porteiro que, generosamente, a convidou a entrar, quebrando as regras, até porque, elas foram feitas para serem quebradas com o coração (SALÚSTIO, 2019, p. 71).

Os olhos de sorriso sabiam reconhecer os esforços; e esses mesmos olhos sabiam que poderiam responder ao mundo qualquer pergunta que fosse, pois ali havia sido criado um manto de proteção com a força e determinação daquelas três mulheres. Quem se esforçou sentiu a recompensa na felicidade da menina; regras foram rompidas para que as três mulheres responsáveis por aquela realização pudessem vivenciar a vitória daquele dia. A cumplicidade, despertando sua força e conquista, distribuídas nos dias e noites de corroboração para um objetivo comum àquelas mulheres. Desse modo, tão natural e leve de narrar, Dina Salústio tece as histórias escutadas e as transforma em textos potentes e denunciadores – trazendo as verdades brutas da realidade da mulher cabo-verdiana, a mesma realidade percebida em diversos outros contextos ao redor do mundo. Já afirmava Simone Caputo sobre a narrativa salustiana: “A narrativa de Dina Salústio é assim: o Ser reside no simples (GOMES, 2008, p. 224)”. Sente-se, nas temáticas dos contos e crônicas da Dina, as coisas guardadas dentro de si aos poucos sendo compreendidas e processadas para, então, serem despejadas em letras sonoras. Dina Salústio oferta ao público leitor textos cujo mote principal são as mulheres e as diversas camadas de suas vidas. Ela afirma:

[...] sendo as mulheres, em grande parte as protagonistas, quer pelo peso dos papéis que elas desempenham na sociedade, nomeadamente na composição e o suporte da estrutura familiar moderna, que porque, normalmente, elas constituíram o veículo que conduziu as notícias (SALÚSTIO, 2018, p. 9).

Serão as mulheres a dividir as histórias que Dina irá transformar em textos para retratar o que elas vivenciam, onde elas guardam seus mistérios, seus sentimentos e

onde elas encontram seu acolhimento. Elas irão falar de como se sentem – ou não – pertencentes do lugar que estão. Além de tratar da proteção recebida dentro dos grupos familiares, bell hooks discorre sobre o pertencimento. Ela desenvolve o termo ao tratar de memórias de infância trazidas pelos avós atreladas ao seu lugar de lembrança, a terra de onde saiu para regressar anos mais tarde, após um longo e complexo percurso pessoal. hooks compartilha a definição do termo “cultura de pertencimento” desenvolvida por Carol Lee Flinders na obra *Rebalancing the World*:

Os valores do pertencimento são, com efeito, os sintomas de uma forma particular de estar no mundo. Juntos, eles constituem um todo dinâmico – uma síndrome, em outras palavras, ou uma orientação ou um *éthos*⁵. Dentro desse todo, cada valor reforça e quase contém em si os outros, e a fonte do poder desses valores como uma constelação é a sinergia entre eles (FLINDERS in hooks, 2022, p. 269).

Pensando em pertencimento e na sinergia gerada entre as pessoas de um grupo, também os conceitos “sororidade”, “sofrimento psíquico” e “memória”, estão nas obras literárias por meio de uma beleza sutil e vigorosa quando se leem os registros do que se passa nos pequenos cosmos, onde se escancaram angústias e dores de maneira poética, representando realidades, sonhos, desejos, ambições e rotinas invisibilizadas. hooks afirma que “a linguagem é também lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar-se a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar” (HOOKS, 2019, p. 73). Dina empresta suas palavras escritas às histórias orais que colheu – e ainda colhe – ao longo do seu percurso de escutadora movente. E na linguagem escrita torna visível os lugares das oprimidas.

Dina Salústio expõe nesses textos breves uma atenção sempre dedicada às mulheres, suas lutas e seus adoecimentos. Simone Caputo Gomes observa: “o texto de Dina atua como um espaço que, além de permitir a expressão da intimidade de uma voz, cede voz a todas as mulheres, compondo um painel que facilite uma reflexão compartilhada (GOMES, 2008, p. 204)”. Dina faz questão de compartilhar com seus

⁵ *Ethos* é uma palavra com origem grega, que significa “caráter moral”. É usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação.

Ethos pode ainda designar as características morais, sociais e afetivas que definem o comportamento de uma determinada pessoa ou cultura. Fonte: <https://www.significados.com.br/ethos/>

leitores, por meio das suas narradoras, suas próprias angústias e anseios e que possui imensa consciência de que é desde a primeira infância que devemos estar atentos aos adoecimentos psíquicos, às agressões, à exposição e à perseguição dos corpos das meninas. Como mulher, mãe, leitora, pesquisadora e cidadã pertencente e pensante da sociedade em que vivo, os textos de Salústio tocam-me de maneira peculiar. No trecho abaixo, vemos a angústia da narradora que deseja que as meninas possam reagir e se proteger daqueles que as machucam:

Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas. (SALÚSTIO, 2019, p. 44)

Nesse pequeno trecho ela revela como acontecem as perversidades com as meninas: na calada da noite e com pessoas que se calam para o que veem e/ou sabem que existe. Dina possui um olhar cirúrgico de mulher que já viu, ouviu e viveu inúmeras situações em sua longa vida e a temática do adoecimento psíquico da mulher aparece de forma bastante sensível, como podemos ver nos textos aqui selecionados. Salústio pincela fragmentos de realidades e os conecta em uma linguagem que é, ao mesmo tempo, simplificada, direta e poética. No pequeno trecho do texto “Forçadamente mulher forçosamente mãe”, do livro *Mornas eram as noites*, ela discorre sobre abuso infantil, gravidez precoce e indesejada e vilipêndio. O sofrimento psíquico, quando configurado desde a infância, tatuará marcas nessa menina-mulher que permearão toda uma vida de desesperança, onde sonhos serão decapitados muito precocemente. Freud tratou do mal-estar no ser humano nas suas pesquisas e ele afirmava que nosso “sofrer” vem de três fontes: “a prepotência da natureza, a fragilidade do nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade” (FREUD, 2011, p.30). Ora, ele não poderia estar mais atualizado com nossa realidade e com aquela de denúncia salustiana. Nesses corpos frágeis, nem mesmo o acalento do seio familiar fará com que essa criança se sinta pertencente a algum lugar que proporcione e ela segurança e estabilidade emocional, pois tais coisas parecem não

existir. Quando ainda poderia haver esperança, romper-se-á ao primeiro indício da abrupta ruptura com a infância, como descreve a narradora de Salústio:

Mas Paula chorava às escondidas. E tem esperança. Porque a esperança dos dezasseis anos é a última coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará com os sonhos da adolescente forçadamente mulher, forçosamente mãe (SALÚSTIO, 2019, p. 45)

A infância rompida traz à luz uma mulher forçadamente, que forçosamente será mãe, como destino inegociável. E, a partir dessa mulher que surge, desaparecerá a menina que um dia soube esperar e que terá seu *Id*⁶ precocemente rompido, deixando de se expandir para dentro, na busca de si. Em março de 2021, mês da mulher cabo-verdiana, em entrevista ao jornal *Expresso das Ilhas*, Salústio prestou homenagem às meninas que sofrem e muitas vezes não possuem quem as tire desse sofrimento psíquico e físico:

A minha homenagem é para essas crianças de corpos magoados e de almas inquietas que com o seu esforço contribuem para que a vida nas ilhas funcione, obrigadas a esquecer seus direitos e sua infância, desistindo de lutar pela sua história a favor das crianças mais jovens. Essas meninas, também elas, por acumulação, chefes de família que, sem tempo, contam os dias e reproduzem gestos e modelos. (SALÚSTIO, 2021)⁷

Como pauta em constante atualização, a ruptura e *desguarnição* desses corpos femininos, Dina Salústio reafirma a importância de que o *eu* seja fortalecido, que se ensine e se aprenda a importância de cuidar de si, de ser cuidado pelo outro. Não apenas ter o olhar para essa dor, mas cuidar daqueles corpos que já estão adoecidos sem nem mesmo entenderem que estão. Cuidar de si não surge genuinamente. Há que se refletir no que está guardado, remexer nas dores, e o que não nos traz conforto temos a tendência de repelir. Hooks nos ensina: “É crucial que não ignoremos o eu nem o desejo das pessoas de transformar o eu, que criemos as condições para a completude de tal forma que as pessoas se espelhem tanto em nossos próprios seres quanto na realidade

⁶ Freud desenvolve tal termo para dizer que o *Eu* “se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente” (FREUD, 2011, p. 9).

⁷ Este texto foi publicado posteriormente no livro *A menina de Cristal* em 2023 com o título: “Uma mulher única”.

social e política” (HOOKS, 2019, p.80). Mas percorrer o trajeto entre a infância usurpada e adoecida até a fase adulta de uma mulher que não distingue habilmente o que é aceitável e o que não é, pode demorar muito. “Esse processo de autorrecuperação permite que nos vejamos como se fosse a primeira vez, pois nosso campo de visão não é mais configurado ou determinado somente pela condição de dominação” (HOOKS, 2019, p. 78). Olhar-se por inteiro é perceber o quanto de si ficou de lado na sua trajetória de vida.

Olhou-o pensando nas viagens que não fez e nos amores que não viveu. Que outra coisa não teve? Que outras pessoas não conheceu? Que outros sonhos não sonhou? Que festas não assistiu? Mandou-o entrar para um café. Descalçou. Os pés estavam em sangue. Voltou a abrir a porta e, muito segura, deixou os sapatos de verniz na rua. Nunca mais permitiria que nada a magoasse (SALÚSTIO, 2018, p. 14-15)

Salústio traz, no texto *Sapatos de Verniz*, uma mulher que sentia em sua pele o rechaço de uma sociedade preconceituosa, pautada em princípios de poder e posições sociais. Uma mãe que tem seus sonhos e esperanças esmagados por sua baixa autoestima, que a adocece tão abruptamente, e cuja reação àquela situação, tão inesperada quanto dolorida, surpreende o receptor da sua história. Depois de banhar-se com o perfume ganhado do irmão para usar no baile escolar da filha – baile este em que ela nem chegou a ir –, despe-se dos sapatos que lhe causaram dor – física e psicológica – e das angústias que a corroeram desde o dia em que ela não pode realizar o sonho de estar com a filha no seu baile de gala. Essa mulher, imbuída de uma força que não imaginava que tinha, autorrecupera-se forçadamente. Como que ouvindo as reflexões de hooks, a mulher vê através da sua situação e das leis que a sociedade impunha às classes trabalhadoras de menos prestígio – como a dela, trabalhadora do mar – e promete a si mesma não mais permitir que a machuquem assim. Um novo e pequeníssimo passo para uma mulher que decide não aceitar para si o adoecimento psíquico trazido pela sociedade na qual se encontra inserida. Uma nova vida, um novo e primeiro café na cozinha de sua casa com o dono da loja de tecidos.

Mas o que se vê com mais frequência, cotidianamente, são ações não tomadas e autorrecuperação fracassada. bell hooks afirma que de nada adianta “despertar as

mulheres para a necessidade de mudar, sem fornecer modelos substanciais e estratégias para a mudança, é frustrante” (2019, p. 82) pois, ficará nesse corpo feminino a frustração de algo que precisava mudar, mas não se realizou. É essencial fazer desta uma luta moral, pessoal e política. Todas as coisas estão interligadas: os direitos, os deveres, as dores, o lar, a cumplicidade e o pertencimento. Nenhuma dessas frentes caminhará plenamente estando desconectadas umas das outras. A partir do compromisso com a conscientização, bell hooks afirma que “podemos recuperar perspectivas perdidas, dar um novo significado à vida. Podemos fazer do lar aquele espaço ao qual regressamos para nos renovar e nos recuperar, no qual podemos curar nossas feridas e nos tornar inteiras” (2019, p. 117). Salústio retrata essa conscientização e autorrecuperação coletiva, bastante dolorosa, no texto *Juntas Atrás do Sol*, de *Filhos de Deus*:

De olhos presos na cicatriz as mulheres tentavam despir-se da vergonha e mostrar que por trás do que haviam dito, para além da leveza da narrativa sobre suas vidas existiam outras verdades, verdades que elas sofreram ou provocaram ou assistiram, muitas delas escondendo cenas tão graves como a marca funda no braço da amiga. Por isso os relatos os relatos em parcelas, o desviar os olhos em momentos de maior equívoco e as omissões, os risos vazios. Como custava dizer do sofrimento! Como custa dizer da nossa intimidade magoada!

- Tens que me dar a receita deste pastel. A massa está uma delícia – disse a Djena, aflita por ceder à tentação de abraçar a amiga da cicatriz visível, pedir perdão pela sua futilidade e contar-lhe de outras lágrimas, mas também de abraços, de música, de vida.

De repente a sala ficou sufocante. A Betty abriu uma janela e olhou para a manhã. As outras mulheres levantaram-se e, juntas, saíram atrás do sol (SALÚSTIO, 2018, p. 39)

Após três anos sem se encontrarem, as amigas se reconectam, depois de horas tentando evitar suas dores, mostrando fortalezas onde não existiam. Entre os diferentes caminhos de cada personagem, o nervosismo para “não se mexer em assuntos sinalizados” (SALÚSTIO, 2018, p. 36) pairava sobre a mesa. Quando a confiança foi sendo restabelecida, as máscaras foram sendo derrubadas e seus verdadeiros “eus” desnudados. E as dores afloraram. E as cumplicidades regressaram. Hooks nos nutre com suas reflexões sobre a amizade entre mulheres:

Muito de nós aprendem ainda na infância que amizades nunca deveriam ser vistas como tão importantes quanto laços familiares. Entretanto, a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem seu primeiro vislumbre de amor redentor e comunidade carinhosa. Aprender a amar em amizades nos fortalece de formas que nos permitem levar esse amor para outras interações com a família ou com laços românticos. (HOOKS, 2020, p. 166)

Tratar de sororidade em algumas relações de afeto não será suficiente para dar conta da complexidade que pode existir em alguns formatos de relacionamentos. É por isso que optamos por falar sobre cumplicidade⁸ nesses elos apresentados em todos os textos salustianos, no sentido positivo da palavra. As mulheres narradas em *Juntas atrás do Sol*, por exemplo, trazem o bonito enlace de vidas fragmentadas, por diversas razões, mas que, cúmplices, participadoras ou como atuantes ou como audiências, buscam a autorrecuperação, juntas, de suas infâncias rompidas, de suas mocidades breves e de suas maioridades craqueladas.

REFERÊNCIAS

- Cabo Verde. Lei nº 50/VIII/, de 26 de dezembro de 2013. *Estatuto da criança e do adolescente*. Disponível em <<https://www.dol.gov/sites/dolgov/files/ILAB/submissions/CaboVerde20141204.pdf>>.
- COMPARATO, Maria Cecilia Mazzili; MONTEIRO, Denise de Sousa Feliciano (orgs.). *A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares I*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- DIZ, Tania; GAMBA, Susan B. *Nuevo diccionario de estudios de género y feminismos*. Buenos Aires: Editora Biblos: 2021.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

⁸ Cumplicidade é a ação ou estado de ter participação secundária ou a co-autoria em algo. Ela pode ter o significado de **conivência** ou de **amizade**, sendo utilizada igualmente nos dois sentidos. Quando é utilizado o sentido de conivência, há normalmente conotação negativa e se refere à qualidade de ser **cúmplice** de algum ato ilegal. O termo cumplicidade também é utilizado como uma atitude positiva e desejável em uma relação, seja entre casais, amigos, familiares, etc. A conotação geralmente atribuída a esta atitude é positiva porque demonstra harmonia, companheirismo e entendimento. Disponível em <<https://www.significados.com.br/cumplicidade/>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

- GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do livro, 2008.
- hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.
- hooks, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.
- hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.
- IACONELLI, Vera. *Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas da reprodução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954*. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ROSCHER, Paula. *Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher*. São Paulo: Editora Europa, 2020.
- SALUSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.
- SALUSTIO, Dina. *Filhos de Deus*. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2018.
- SALUSTIO, Dina. *Uma menina de cristal e outras crônicas*. Lisboa: Rosa de Porcelana, 2023.
- SALUSTIO, Dina. *Entrevista com Dina Salústio*. Brasília, 2023. Entrevista concedida a Katria Gabrieli Fagundes Galassi.
- SALUSTIO, Dina. *Março Solidário*. Disponível em: <<https://expressodasilhas.cv/opiniao/2021/03/29/marco-solidario/74042>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

Recebido em: 31/03/2024

Aceito em: 05/05/2024